

A FORMA INCERTA DE ABRIL

Zulmira Ribeiro Tavares

[...] No anfiteatro do Centro de Convenções Rebouças, em frente ao Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, o porta-voz da presidência da República, jornalista Antônio Britto, anunciou, às 22h30, o falecimento do presidente Tancredo Neves após uma internação de 39 dias, primeiro no Hospital de Base de Brasília e, depois, no Instituto do Coração. Assim, José Sarney, que ontem mesmo decretou hoje feriado nacional, torna-se presidente da República Federativa do Brasil.

(O Estado de S. Paulo — Edição Extra — 22 de abril, 1985 — Transcrito por Isto É-Senhor — São Paulo — 110 Anos de Industrialização — 1880-1990 — Ivan Ângelo)



No dia seguinte ao domingo em que morreu Tancredo Neves, o Consertador de Tudo saiu de casa como sempre para responder a um chamado. Mas havia pedido à mulher, que atendera o telefonema, para avisar ao senhor do outro lado da linha que ele ia demorar um pouquinho porque tinha outro chamado já combinado antes. Mentira. Ele soubera pelo rádio que o cortejo com o corpo passava pela avenida Brasil, depois seguiria pela avenida Pedro Álvares Cabral a caminho do aeroporto. Ele cortaria caminho pelo parque do Ibirapuera e esperaria a passagem do cortejo. O dia estava limpo, muitas pessoas acorriam de dentro das casas com a mesma intenção. A mulher pediu para ir também. Nem por sombras, disse o Consertador de Tudo com autoridade. Tenho cá para mim que hoje, um dia depois de um homem tão santo ter chegado ao reino de Deus, é dia de sorte. Vão chover chamados.

O Consertador de Tudo morava numa ruazinha torta atrás da rua Afonso Brás, para os lados de Vila Uberabinha. Morava na divisa, entre um lado nobre, Vila Nova Conceição, e o outro lado nobre, Moema. Muita gente que morava em Vila Uberabinha gostava de dizer que morava em Moema.

Ele conhecia bem esses macetes das pessoas para subirem na vida e não culpava ninguém. Ele próprio falava do seu pequeno prédio encortiçado como ficando "para os lados de Moema". Dobrando-se uma outra pequena rua que saía da sua, dava-se de cara com o córrego do Uberabinha, e lá do outro lado com a favela, erguida à margem. Na margem de cá, e acompanhando-a em parte, havia se formado uma grande lixeira horizontal, como se a favela explicasse a existência da lixeira e a justificasse, tirando dos ombros dos habitantes desse lado, afinal seus provedores, a responsabilidade por sua existência. Todos os moradores desse lado mostravam o maior desprezo, pela lixeira, o córrego, a favela. O Consertador de Tudo também, mas é verdade que tinha alguns fregueses na favela, por onde se chegava dando uma larga volta. Muitos deles não pagavam, outros pagavam em espécie, ele porém insistia que lhe traziam sorte e dizia que depois de atender a um favelado choviam chamados dos grandes prédios. Já a mulher se apavorava dele entrar na favela; além do mais, essa história de sorte ela a conhecia bem, levava a parte alguma, ela pelo menos não saía do lugar, sempre presa ao telefone e de ouvido atento à porta. Às vezes também os dois, em horas mortas, carregavam algum lixo mais obstinado, que se negava a entrar nos sacolões de plástico, lá para a Grande Lixeira. No inverno e em dia sem vento podia-se esquecer a Grande Lixeira e por conta esquecia-se também o Córrego do Uberabinha e a Favela do Uberabinha. Era só não dobrar a pequena rua torta que ia desembocar na outra; caminhar exatamente para o lado oposto, logo ali alguns quarteirões adiante onde grandes prédios se erguiam. Mas no verão, vindo o vento dos lados de Moema, ao passar pela favela, arrepiar as águas do córrego e soprar na lixeira, como um ladrão-pé-de-vento deles roubava certo cheiro pestilento com um misterioso fundo doce. Era então o tempo das moscas de asinhas de arco-íris e dos pernilongos assobiadores que se encarregavam também de lhe lembrar que morava bem no centro de Vila Uberabinha.

O Consertador de Tudo de tanto conversar com os moradores dos altos prédios em Vila Nova Conceição e no Itaim-Bibi tinha adquirido um jeito especial de abordá-los, muito bonito. Inclínava o corpo um pouco para o lado e fazia um ar pensativo antes de dar o orçamento. Parecia estar meditando, voltado muito para dentro de si mesmo, recusando as altas cifras que lhe sobrevoavam tentadoramente o coração e escolhendo entre elas a menor, de pouco peso, para oferecê-la com deferência, ao freguês ou freguesa. Se ainda assim, o freguês ou freguesa simulasse um grande susto e pusesse em dúvida o orçamento, o Consertador de Tudo tinha, para essas ocasiões, atitudes e respostas variadas, muitas imponentes. Diante de um velho fogão, por exemplo, podia olhá-lo então com certa ternura e compaixão, soltar mesmo um suspiro e corroborando as palavras do freguês ou freguesa, dizer que talvez fosse mesmo o caso de não consertá-lo, era de alta qualidade (elogiava sempre indiscriminadamente tudo o que encontrava pela frente para consertar), marca excepcional e estava "muito bem conservado", mas era um fogão usado, muito vivido, e quem sabe fosse o caso de comprar um novo, ainda que ele pessoalmente, pela experiência que tinha

no assunto, não dava dois tostões de mel coado por essas engenhocas novas, coloridas, cheias de botões, mas sem tutano, sem ossatura, e que com uma leve sacudidela se desmontavam. Porém se apesar disso o Consertador de Tudo perdia a visita porque o freguês se mostrava estupidamente teimoso, mesmo assim não se abalava e apresentava um ar tão ou mais amável do que quando entrara. Dizia que não era seu costume cobrar a visita, não lhe deviam nada, despedia-se sem mostrar rancor e pedia apenas licença para antes de sair lavar as mãos. O que perdia aqui, ganhava ali, e não baixava o nível.

A mulher lhe deu antes de partir mais uma dose de café forte que ele nunca recusava. Fumou dois cigarros, um atrás do outro, pegou sua maleta de trabalho e partiu. Era um homem magro, entre trinta e cinco e quarenta anos, mas talvez tivesse entre quarenta e cinco e cinqüenta, ou mais, não se sabia ao certo, dependia um pouco do ângulo e da distância em que o olhassem, era um pouco parecido com aquelas regiões: ora mais novo e desempenado como o prédio que subia à esquerda, ora, se encarado bem de perto, mostrava trazer no rosto um maceramento de coloração escura e irregular, e mesmo a postura adquiria certo ar de coisa desabante mas que fica, a forma incerta dos barracos do outro lado do córrego.

Claro que havia um exagero naquilo dele consertar tudo. Mas sabia lidar com fogões, máquinas de lavar, de escrever, trocar torneiras. Tinha a mão, o dom para fazer as coisas quebradas funcionarem de novo, como se dizia na vizinhança.

Quando saiu de casa sentiu que apesar do dia limpo o vento lhe trazia aquele cheiro duvidoso da Grande Lixeira, com um misterioso fundo doce. Pensou então no Santo Homem sendo levado do Instituto do Coração para o aeroporto de Congonhas, deixou de vê-lo reinando entre os anjos para pensá-lo destinado à terra, com a qual aos poucos iria se assemelhar, e nela se perder, sentiu certa angústia envergonhada.

Na véspera, no domingo, dia da morte de Tiradentes, o Consertador de Tudo, tomando a sua cerveja à noite, havia tido uma sensação medonha como disse à mulher depois, quando aquele homem bonito e moreno, olhando fundo nos olhos dele de dentro da televisão, tinha dado a notícia; com muito respeito e sem fazer bulha. Grande novidade ela não era, era de espantar então que produzisse espanto daquela forma como se fosse a notícia menos esperada do Brasil. A mulher começou a chorar loucamente e ele mesmo tão fora do sério ficou que se abrisse a boca não responderia por si, foi procurar café na cozinha.

Pensou então com rapidez vertiginosa nas mil vezes que tinha visto o Santo Homem na televisão. Primeiro nem dera muito por ele. Era baixinho, meio corcunda, barrigudo, tinha olheiras fundas, careca. Depois, como aparecia cada vez mais, começou a prestar mais atenção. Era impressionante como não se atrapalhava com as palavras, os repórteres podiam perguntar qualquer coisa, qualquer coisa do mundo que ele assim que a pergunta terminava começava a resposta; as respostas saíam de sua boquinha engraçada, sem se atropelarem, sem atraso, sem erro, sem engano, uma após

outra, uma após outra, uma após outra. Depois, quando o Santo Homem caiu doente foi aquilo que se viu. Na televisão entrava médico, filho, político, o próprio homem sorrindo, o próprio homem de antes da doença, o homem na doença sentado num sofá ao lado da mulher e do médico, posando para uma foto com jeito de foto de família. Ele trazia um sorriso meio vago e idiota, assim pareceu quando a foto começou a repinicar na televisão e nos jornais. Depois se entendeu: era santidade pura. E vieram as entrevistas de muito antes, de quando o Santo Homem ainda não estava no Instituto do Coração e ninguém sabia da sua santidade. E ele dizia coisas que o Consertador de Tudo ouvia com muita, muita atenção, para aprender e fazer igual. De onde lhe vinha tanta saúde? E o Santo Homem respondia: tenho por hábito depois do banho tomar uma ducha gelada. Alimenta-se bem? E o Santo Homem dizia sim e falava de uma certa farofinha, um certo tutu de feijão, coisas que apreciava muito. Médico só o seu, antigo, de confiança, que visitava vez por outra mais para dar notícia da saúde, quando aproveitava para comentar algum incômodo antigo, sem importância, também de confiança. E a televisão mostrava de novo o Santo Homem andando por toda parte do mundo, conversando com os grandes, os grandes eram grandes também no tamanho, mas o Santo Homem lhes passava por entre as pernas com desembaraço, mal erguia a cabeça, parecia como sempre estar procurando um alfinete ou fósforo perdido no chão, e dizia coisas sem cessar para os grandes com aquela sua boquinha engraçada, e sorria de um jeito só seu, e os grandes se abismavam. Grandes Bobos eram o que eram.

O momento em que o Santo Homem começou a morrer não se sabia ao certo. As televisões, os jornais, fuxicavam que ele já estava começando a morrer quando conversava com os Grandes Bobos. Quando tomava sua ducha gelada, comia sua farofinha, seu tutu de feijão. Que absurdo diziam outros: ele só começou a morrer quando se sentou para aquela foto estapafúrdia com aquele sorriso esquisito que não se sabia ainda que era santidade. Os repórteres contaram que presos nele e bem escondidos atrás do sofá, havia muitos fios fazendo o seu sangue correr por dentro do corpo, seu coração bater, suas águas não fugirem para fora. No tempo em que ele não parava de falar (e como falava bem!) ele sempre olhava para o chão como se procurasse um alfinete ou fósforo perdido, mas naquela foto ele estava mudo — não mudo como as pessoas são obrigadas a ficar nas fotos — mas diferente, já não olhava para o chão, olhava para a frente com aquele ar, meu Deus do Céu, aquele ar! Olhava para fora da vida e naturalmente mesmo de dentro da foto tinha se calado para escutar e enxergar o lado de fora da vida, que era diferente de tudo o que se podia imaginar.

Um dia, numa das muitas vezes em que o Santo Homem saía-e voltava a entrar na sala de cirurgia de maça, disseram que ele havia falado a alguém segurando-lhe a mão (mão de repórter, na certa, tinha observado a mulher do Consertador, mas este não estava assim tão seguro): eu não merecia isso. E agora, hoje, lembrando a frase, o Consertador de Tudo reconhecia que mesmo um homem santo tem os seus limites. Que ninguém é de ferro. E o seu coração se apertou.

Ele corria como podia na direção do Ibirapuera, muita gente ia junto, seu coração estava apertado de dor e sua boca amarga com gosto de cigarro velho, acendeu dois cigarros, um depois do outro para tirar o gosto, não largava a maleta e estava com medo de perder a hora. Se embarafustou por um dos portões do Ibirapuera ao lado da República do Líbano e continuou apressado.

Ali atrás de um matinho de bambus ele escutou um barulho. Deu uma ligeira parada já sem fôlego e espiou entre os bambus. No chão, sobre a grama, um casal se amassava de uma maneira particular, como se fossem duas almofadas viventes, dois bonecos de ar e de plástico vendo qual estourava o outro primeiro; sem nem por um momento deixar de bater firme, mexiam-se com incalculável leveza de lá para cá. Ele ficou um pouco tonto, esqueceu naquele instante o que fazia no meio do parque num Feriado Nacional com a maleta de serviço na mão. Depois, a sua alavanca lá em baixo no meio das pernas deu um pequeno salto como se quisesse avançar por conta própria, mas ir em direção a quê? Ficou muito alegre de repente e mais ainda sem fôlego, seus dois ovos cantarolavam, só que não era hora de fazerem nenhum omelete, ah seus pivetes, seus malandrinhos! Dois pares de olhos rancorosos o estavam espiando de volta lá do chão. Ao redor, ficara tudo agora tão quieto, até demais, as folhas de grama e de mato por ali, espetadinhas e alertas como pequenas criaturas verdes à escuta, à espera de que a função continuasse. Ele recuou, quase caiu, virou-se num repelão e retomou a direção da avenida Pedro Álvares Cabral, para os lados do obelisco aos Mortos de 32, da Assembléia Legislativa, do Departamento de Trânsito, por onde iria passar o cortejo levando o corpo de Tancredo Neves para o aeroporto, que destino, pensou impressionado.

O povo achava-se apinhado e se acotovelando perto do meio-fio, separado da avenida por cordões, e eis que o cortejo já apontava ao longe na avenida Brasil. Ele foi se embarafustando, abriu caminho com o seu corpo magro e conseguiu um lugar perto dos cordões. Lá vinham! Todas as cabeças estavam voltadas para aquele lado. Vinha gente a pé e gente de carro portando faixas, bandeiras. Passou um caminhão com faixas enormes que iam de ponta a ponta do veículo, as pessoas de pé e de braços abertos traziam os queixos erguidos, olhavam adiante algum ponto perdido entre o céu e a avenida. O cortejo agora avançava lentamente, quase parava, o carro fúnebre com a bandeira brasileira por cima veio vindo, chegou, foi passando. Mas o automóvel logo a seguir, com homens de ternos e gravatas escuros atrás dos vidros erguidos até em cima, foi que chamou a atenção do Consertador de Tudo. Olhavam de olhos arregalados para o povo apinhado no parque. Não faziam qualquer movimento, só o automóvel lentamente se movimenta-va levando-os, todos de escuro, os pescoços torcidos para o lado do parque onde a multidão era maior. O Consertador de Tudo lembrou-se de quando uma vez havia ido passear no Simba Safari no jipe de um feirante amigo e tinha sido assim. Eles dois haviam se fechado no jipe que se deslocava muito devagar e a todo o momento tinham a impresssão de que os leões sentados preguiçosamente na relva, soltando longos bocejos, iriam se levantar e dar

taponas nos vidros. Esperavam por isso. Mas havia leões que até dormiam e outros que lhes davam o traseiro abanando-lhes a cauda com desinteresse. Não que aqueles entre os quais se encontrava, acotovelando-se à passagem do cortejo, lembrassem leões dorminhocos. Pareciam antes macacos esper-tos, cada um cavando o melhor lugar para si. Nem ele e o amigo do jipe estavam naquele dia do Simba Safari de gravata e ternos escuros. Traziam camisas floridas abertas até quase a barriga e tomavam pausadamente em pequenos goles a cerveja gelada de lata. Mas o Consertador de Tudo lembrava-se de como olhavam para fora do jipe de um jeito que deveria ser igual ao daqueles homens de escuro com os olhos grudados nos que se amontoavam no meio-fio. O cortejo percorreu a avenida Pedro Álvares Cabral tomando o rumo da avenida Rubem Berta. O povo dispersava-se aos poucos, o Consertador de Tudo olhou o relógio e foi caminhando de volta pelo parque na direção de seu compromisso em um prédio de Vila Nova Conceição. Impressionante, não? Comentou uma mulher velhusca ao lado. As pessoas falavam umas com as outras, ele seguia ao lado da mulher, ela lhe disse, nunca vai ter outro homem assim. Ele concordou com um aceno, sorriam agora um para o outro mas a todo momento sacudiam desconso-ladamente a cabeça espantando o sorriso para mais adiante voltarem a sorrir, era uma mulher gordinha, de tailleur azul-marinho e cabelos brancos com tintura azul, uma mulher com a qual ele nunca pudera imaginar que havia de estar passeando pelo Ibirapuera, conversando, ela devia ter saído de um dos prédios lá do outro lado da avenida República do Líbano, ou de um dos casarões da própria avenida, era do tipo de mulher que o Consertador de Tudo encontrava muito quando ia a serviço e que costumava ficar do seu lado, calada, só apontando com o dedo o defeito, o quebrado. Sabe, lhe disse a mulher, ele devia era ser enterrado aqui, em S. Paulo. Mas era mineiro! lembrou o Tudo. Nem por um instante esqueci o fato, disse a mulher, mas foi aqui em S. Paulo que sofreu o martírio! — Isso foi, disse o Consertador, e agora está indo para Minas. Não agora, falou a mulher, e chegou bem perto dele: vai antes para Brasília, onde tudo começou! Acho ridículo, disse o Consertador de Tudo com um à vontade que mesmo a ele espantava, passar por Brasília antes, é como um amigo meu que faz trabalho externo na Prefeitura mas tem de ir todo o dia na repartição assinar o ponto; passar por Brasília só para lembrar que era presidente? — Quase presidente, divergiu a mulher do cabelo quase azul. — Se é para ir para Minas por que não vai então de uma vez? É a casa dele! — teimou o Consertador de Tudo. — Antes ficasse aqui, suspirou a mulher. O senhor viu esse nosso povo que educação, como respeitou a passagem do cortejo? É, concordou o Consertador, só choravam. — E eu também não chorei? disse a mulher. Veja os meus olhos. O Consertador de Tudo olhou bem de perto o rosto da mulher com o seu cabelo meio azul puxado para o alto e afirmou com segurança, a senhora chorou, estou vendo. Pois se não faço outra coisa há duas semanas, e ontem então. Os dois continuavam pela grama do parque, o Consertador de Tudo diminuía o passo para a mulher não ficar atrás e ela acelerava o seu. Ele sentia pela mulher uma amizade tão grande, mais forte do que sentira tempos atrás

pelo amigo feirante dono do jipe. Era como se ele e ela conhecessem tudo sobre o Santo Homem, e quando diziam, o Tancredo, porque o Tancredo, sabiam muito bem do que falavam. Despediram-se. A mulher ainda repetiu, ele devia ser enterrado em S. Paulo, no cemitério da Consolação onde está enterrada a Marquesa dos Santos, depois de tanto sofrimento merecia; quando chegar em Minas vai ser um deus-nos-acuda porque o povo de lá assistiu o martírio de longe, não vão se contentar em chorar, pode até sair gente pisoteada, amassada, ouça o que eu digo. O Consertador de Tudo pensou no que vira atrás do pequeno bambual ainda há pouco, distraiu-se nas lembranças. Bem, vou indo, repetiu a mulher, bom dia para o senhor. Estou desesperado! gritou-lhe o Consertador de Tudo do seu jeito rouco de quem sempre gritou para dentro e jogou para dentro do coração muito fumo, como se a quisesse segurar um pouco mais ao seu lado conversando sobre o Santo Homem. Não se desespere! respondeu-lhe a mulher já afastando-se, a voz apertada de quem tira rapidamente lições do mundo cortando-o com os dentes em tiras finas e as devolvendo em seguida com rapidez ao próprio mundo. Foi a vontade de Deus!

O Consertador de Tudo atravessou a avenida República do Líbano de volta e se embarafustou por ali atrás do número que procurava. Parou diante de um prédio comprido, circular e estreito como uma chaminé, de tijolos entre rosa e ocre, com muitos vidros esfumados. Mas já há muito ele não mais se espantava com esses prédios que não pareciam prédios e com certas casas que pareciam navios. O senhor demorou, disse o moço ao lhe abrir a porta, e foi fechar a tevê. Tinha barba e cabelos castanhos encaracolados e usava uns minúsculos óculos sem aros, perfeitamente redondos. — Minha patroa não lhe avisou que eu tinha um outro chamado antes? estranhou o Consertador de Tudo, entrando, pisando com gosto no tapete macio. É, disse o moço, mas assim mesmo, cheguei a pensar que não vinha mais, o senhor veio a pé? — A bicicleta estava tendo problema na direção por isso ficou em casa mas costumo circular nela por aí, e disse circular desenhando círculos com a mão no ar, de um jeito que levava alguém a pensar antes num artista de circo, num malabarista, ou em um dos freqüentadores do parque do Ibirapuera, entretidos em exercitar cabriolas perigosas e proibidas; tanto que o moço comentou: É um esporte ótimo para o equilíbrio e a musculatura das pernas. E ainda disse: Eu não ia incomodá-lo em um dia de Feriado Nacional (que dia, abanou a cabeça o Consertador de Tudo), mas me contaram que para o senhor não existia nem domingo nem dia santo; que o senhor é incrível, conserta tudo que se põe na sua frente. Bem, comentou o Tudo: tudo, tudo... não vamos exagerar. Bom, disse o moço, de qualquer forma acho que não é tão complicado assim. A minha Olivetti quebrou no meio de uma redação, sempre é o mesmo defeito, o espaçamento não funciona, o rolo não gira, e quando mando para o Serviço Autorizado eles devolvem só depois de duas semanas, fazem o diabo com ela, inventam serviços que eu não pedi e no fim falam sempre no Tirante da Entrelinha. Ora, ora, acalmou-o o Consertador, uma limpeza vez por outra não acho ruim, agora exageros não são comigo. O senhor usa muito a máquina? Sou

arquiteto, disse o moço, mas escrevo também artigos sobre arquitetura, a vida na cidade, dou aulas, e tudo o que escrevo é com essa máquina. Oh, disse o Consertador de Tudo, então esse prédio é do senhor? Fui eu que o projetei mas não é meu. Muito, muito bonito, elogiou o Consertador de Tudo, muito bonito e muito moderno; diferente dos outros; quero dizer, diferente de uns, parecido com outros. Ótimo, disse o Arquiteto com uma ponta de irritação na voz, mas logo se corrigiu e comentou com urbanidade (à medida que ia limpando a sua mesa de trabalho, retirando livros e papéis, para o Consertador poder começar o serviço): enquanto esperava o senhor chegar procurei verificar se dava para ver daquela janela o cortejo passar mas acabei abrindo a televisão, da televisão sempre se enxerga do melhor ângulo. E quando terminou a frase, pelo olhar do Consertador, que deu um passo à frente como se fosse falar, e outro atrás, como se tivesse se arrependido, o Arquiteto entendeu que ele, Consertador, tinha estado vendo passar o corpo de Tancredo Neves para fora de São Paulo, ao vivo. Ficou desconfiado, pensou por sua vez o Consertador de Tudo. Não gostava de começar um concerto debaixo da desconfiança do freguês, fosse de qual tipo fosse a desconfiança, e foi sua a vez de sentir uma ponta de irritação mas logo também se corrigiu: o senhor mora aqui sozinho? Daqui a duas semanas me caso, revelou o Arquiteto sorrindo, mas até lá..., minha diarista também não veio, hoje estou só, não a culpo, a morte do Tancredo, deve ter sido isso, e olhou nos olhos o Consertador de Tudo para ver se ele abria o jogo, mas o homem ficou pensativo, a morte do Tancredo; e pelo seu rosto macerado, de diversos tons sombrios, abateu-se um novo tom escuro cobrindo os demais, como a breve sombra de uma asa de avião varrendo a terra quando o avião corre baixo no céu sob o sol, abrigando por vezes um morto entre os vivos; como aquele que em Congonhas iria levantar-se do chão com o corpo do Santo Homem, sob o barulho ensurdecedor das turbinas, apontando com a grande face metálica voltada para o sol — o Reino de Deus. O Consertador de Tudo começou com segurança a desmontar a máquina, envolto numa nuvem de fumaça de cigarro. O Arquiteto apoiou o cotovelo na janela e ficou olhando para fora, um pouco para deixá-lo à vontade, um pouco para respirar o ar limpo de abril, neste dia de um luto claro de feriado nacional. Por vezes volvia levemente o rosto procurando fisgar com o canto do olho como estaria indo o serviço e então a luz de fora, batendo-lhe nos óculos, virava-os em duas lágrimas graúdas, refulgentes, perfeitamente redondas, não lhes desciam pela face nem secavam. Se acontecia do Consertador de Tudo voltar-se para a janela em um daqueles momentos, seus olhos batiam então em cheio nos dois pontos de luz suspensos de cada lado do nariz do Arquiteto. Se os fosse tocar com as mãos sujas de graxa tinha a certeza de que lhes desmanchariam nos dedos em água e sal. Os seus próprios olhos ardiam de fumo mas não só de fumo e pensar que o Santo Homem teria de bater ponto em Brasília antes de ir para os braços dos seus; longe, onde havia de estar uma mulher muito fina, também no falar, que iria olhar para baixo do alto, de uma das janelas mineiras, e exortar a multidão a ter muita calma: Meus filhos! Cuidado! —

Diria também a intervalos: Tancredo! Tancredo! — O enterro será na sua terra natal, uma cidade histórica, lhe estava informando o Arquiteto e começou a recitar, com a voz um pouco fanhosa, as histórias e os tesouros de São João del Rey, quando, tendo-lhe o rosto se voltado inteiramente para dentro da sala, as duas lágrimas nele se apagaram quietamente. Mas o Consertador de Tudo apenas via a mulher, Risoleta, enfeitada e sofredora à janela de um segundo andar, ele já a conhecia da televisão, vira-a muitas vezes nos últimos tempos portando enormes óculos de sol, lembrava-se particularmente dela em uma missa repleta de autoridades, pouco antes do dia marcado para a posse, quando o Santo Homem a seu lado (e sem que ela desse conta do fato), com a cabeça muito abaixada — pensara-se então que para melhor se devotar (disfarçando modestamente os altos pensamentos) às intrincadas causas brasileiras e às de Deus — havia, com as mãos cruzadas na frente, segurado cautelosamente a barriga. Sabia-se agora que a morte, como uma ratazana pestilenta, já ali se escondia, refugiando-se do esplendor da nave.

A campanha da porta soou às costas do Tudo mas este mostrou o seu empenho no serviço permanecendo do mesmo jeito; firme na cadeira só tinha olhos e mãos para a máquina. O Arquiteto atravessou a sala num passinho rápido e ao abrir a porta o Consertador o escutou dizer: ah, é você! — Uma voz forte de homem comentou: também aproveitando o seu feriado, heim? Estou vendo — e depois: obrigado pelo livro, voltou inteiro, verifique você mesmo; e que belas fotos e croquis! Invejo a sua profissão de artista. — Pelo amor de Deus! exclamou o Arquiteto, ontem expliquei que não tinha pressa nenhuma e hoje você já o traz de volta! Não quer entrar um pouco então? Não fique aí parado na porta, estou com uma pessoa consertando a minha Olivetti, vamos entrar... — A palavra "uma pessoa" o Consertador nem assim se deu por achado e continuou firme de costas. Outra vez, outra vez, resmungou a voz forte, outra hora. (Se não fosse eu estar aqui com certeza entrava, pensou o Consertador com uma ponta de orgulho. Ora! Que volte outra vez mesmo.) Porém, quando a voz forte tornou a falar não era ainda para se despedir, dizia, soube pelo zelador que você casa este mês, terá ele se enganado? Não, não se enganou, respondeu o Arquiteto. Pergunto não é por nada — esclareceu a voz — quer dizer, nada de importância, é porque talvez você vá precisar de uma empregada fixa agora, e estou justamente com uma que é muito amiga da empregada de minha sogra, pessoa de toda a confiança, você pode pegar tranqüilo (jogando conversa fora, pensou o Consertador de Tudo, não respeita o sossego dos vizinhos; tal qual prosa de portão de Vila Uberabinha; e num prédio do porte deste!), isto é, se não se importa de pegar pretas, como diria minha sogra — Me caso com uma, respondeu brevemente o Arquiteto. Como assim? fraquejou a voz forte — e depois de uma pausa prolongada: se entendi bem sua noiva se emprega em uma empresa, é empregada de, de..., uma empregada de.... Não uma empregada. Uma preta. Me caso com uma — Aaahhh — e em seguida a outra pausa prolongada: uma de nossas belas morenas... — Moreno sou eu, moreno é você, moreno é aquele ali; (mas o Consertador de Tudo com o seu rosto

sombrio de coloração irregular abaixado para a máquina, nem assim mudou de posição) uma preta, estou dizendo. Sem pinga de sangue branco. Chega daqui a duas semanas, e então vamos decidir juntos as coisas da casa. Vem da África. — Da África vem! — a voz parecia falar solta, desassistida da garganta — Sim, da África do Sul, estudou sociologia na moita, você conhece as coisas como são por lá. Ela é do grupo do Nelson Mandela, na prisão há séculos, luta para a sua libertação, sabe de quem se trata. — Siiimmm... hesitou a voz. — Aliás, continuou o Arquiteto — um preto que é tudo menos preto, mulato claro, o que quiserem; nem por estar sofrendo cativo eterno, pretejou; preto é o pai de minha noiva, esse sim, a mãe, essa sim, a irmã, o irmãozinho, esses sim (e olhe que são de um povo de língua banto que não é lá essas coisas em matéria de pretura...) para não esticar, uma família de pretos; numerosa. Mas por que fica aí parado de pé na porta, não entra de uma vez Rodolfo? intimou o Arquiteto, diante do que, a voz nomeada, tão forte de início, fraquejou mais fundo e repetiu oscilando: outra hora, outra hora. — Minha noiva é zulu! — gritou-lhe ainda o Arquiteto (e pareceu ao Consertador de Tudo que o fazia de fora da sala, do corredor, como se perseguisse a voz); e sabe o que quer dizer zulu? CÉU!

Aquela conversa animou o Consertador de Tudo de uma forma extraordinária. Assim que o Arquiteto fechou a porta trancando-a com duas voltas bem dadas, ele, sempre sem levantar os olhos do serviço, e ainda um pouco vacilante de fala na sua nova disposição de fazer confidências (adquirida tão recentemente à passagem do cortejo, junto da mulher velhusca que azulava nos cabelos) permitiu-se informar com fingido aborrecimento: veja o senhor como é a vida; já a minha patroa é alvinha demais. Filha de pernambucano que no passado se misturou com holandes, não pega sol de jeito nenhum, só sardas; avermelha mas não escurece, como ela fica zangada com isto! e o Tudo abanou a cabeça com falso desânimo. O Arquiteto foi se chegando para perto sem comentários mas o Consertador se embarafustava nas lembranças e suas mãos pela primeira vez descansaram na mesa ao lado da máquina. Viu-se num domingo de verão de há muitos anos passados, ao lado da mulher sentada de shorts com as pernas cruzadas perto do rádio de onde saía uma musiquinha esperta. A sala estava toda fechada para não entrarem os mosquitos assobiadores, e como anoitecia as luzes já haviam sido acesas e fazia muito calor ali dentro. A mulher sentada com as pernas cruzadas balançava o corpo de lá para cá. Suas pernas gorduchas eram um pouco moles e assim apertadas uma na outra lembravam, das coxas aos joelhos, um grande coração de ricota, pulsando. As carnes brancas tremiam mas ele gostava era mesmo assim, e à lembrança a pequena alavanca escondida deu novamente um salto como se fosse pular fora, o que o obrigou rapidamente a recorrer aos pensamentos tristes daquela segunda-feira para as coisas se aquietarem debaixo da mesa. O barulho que haviam feito na sua família de morenaços quando a mulher chegara com aquela fala descansada e aquela brancura toda. Como é alvinha! se admiravam — e nordestina! — contava ele para o Arquiteto, e tal como abria sua alma para o outro, assim lhe ia abrindo a

máquina e mostrando os seus segredos: Tenho certeza como o senhor não sabe limpar os tipos da máquina, vou ensinar como se faz, estão sujos como unha de criança. De permeio conversavam um pouco sobre o Santo Homem. Com as duchas frias que tomava no fim do banho, sempre apreciando comida caseira e sem o médico da família precisar passar receita para nada, como foi lhe acontecer uma coisa dessas? admirava-se o Consertador de Tudo. Já o Arquiteto nutria sérias dúvidas sobre a saúde do Santo Homem. Olhe só aqui, dizia cotucando com o dedo uma letra do teclado da máquina, ele de perfil era desse jeito, um S exato, corcunda e barrigudinho, nunca reparou? e as olheiras! — O Consertador se abismava, não havia reparado que fosse um S. Acendia um cigarro depois de pedir licença, que o Arquiteto concedia mas sem deixar de dizer de cada vez, o senhor exagera! — Qual nada, meu cunhado diz que sou movido a fumo e café forte, se parar caio! respondeu numa das vezes o Tudo, e o Arquiteto então prometeu que logo iria preparar um cafezinho para os dois, depois do que conversaram longamente sobre cigarro e café forte. Finalmente o Consertador de Tudo confessou que no caminho para chegar ali ele não havia resistido à tentação de fazer um desvio para dar uma espiadela no cortejo levando o Tancredo Neves pela avenida Pedro Álvares Cabral, o Arquiteto o que pensava da idéia? O Arquiteto deu uma resposta à altura: Fez muito bem, disse, é um espetáculo que não se repete — e em seguida, limpando na fazenda da camisa as lentes dos minúsculos óculos redondos, considerou: Então viu mesmo passar o caixão... — Do caixão só cheguei a ver pedaço mínimo porque vinha embrulhado na bandeira brasileira, mas o que me deu uma impressão ruim foram os que vinham logo atrás num automóvel. Hummm..., família? — Olhavam para a gente... — e o Consertador de Tudo vacilou. E então? impacientou-se o Arquiteto; olhavam como? — Olhavam como... — aí na certa o Consertador não encontrou a palavra buscada porque debruçou-se mais sobre a máquina. Então, então, muito tristes? — insistiu o Arquiteto passando a mão na barba encaracolada — Muito... nem eu sei bem o quê... — hesitou o Consertador soprando fala e fumo para dentro da Olivetti. — Mas o que vocês todos estavam fazendo ali, que espécie de zoeira afinal de contas? — o Arquiteto parecia desgostoso com a própria ausência, e ocupada por testemunha tão insatisfatória. — Como vocês estavam afinal, aos gritos? — Quietos, esclareceu com uma ponta de orgulho o Consertador; o cortejo chegava lá da avenida Brasil muito devagar, povo, automóvel, gente de caminhão, e eu pude ver bem quando passaram, o automóvel de trás vinha com os vidros fechados até a tampa, nem sei como se respirava lá dentro, e eles olhavam para fora de um jeito... confesso ao senhor que cheguei a perder a atitude... — e o Consertador, para desviar a própria atenção e a do Arquiteto, dos homens encerrados no automóvel com as cabeças viradas teimosa e fixamente para o parque do Ibirapuera, deu um pequeno inesperado tranco na máquina e a deixou de pé. A Olivetti e o coração iam juntos naquele processo de remeximento do que traziam dentro, mas ele já agora se desviava dos homens de escuro (rolariam por qual céu ou estrada do país naquele exato

momento, teriam se perdido do cortejo talvez) para encarar de frente o fim do serviço. Até o momento tinha se ocupado só com a limpeza e os ajustes porém eis que chegara a hora do Tirante da Entrelinha. — De uma vez por todas o que é o Tirante da Entrelinha? — lhe havia perguntado minutos atrás o Arquiteto batendo aborrecido com as costas da mão num papelucho timbrado, enquanto ele, Tudo, desaparefusa aqui e ali para melhor parafusar depois — Veja, continuara, leia na nota fiscal, é o que sempre escrevem os do Serviço Autorizado: colocação de um novo Tirante da Entrelinha; peça nova e mão-de-obra, preço cobrado em separado. O que é esse Tirante, se posso saber? — isso havia se passado um pouco antes da voz que atendia pelo nome de Rodolfo se fazer ouvir pela porta entreaberta. Na ocasião o Tudo o acalmara: vai saber logo mais. E agora finalmente tirava o estojo da maleta de serviço e o abria.

Que ridículo era o Tirante da Entrelinha! Pequeno, uma pecinha de nada, um anzol de fio de cabelo, uma bobagem; e o Consertador de Tudo segurou nos dedos manchados de graxa, com extrema delicadeza, a Coisa Insignificante, erguendo-a contra a luz da janela como a uma hóstia, para o Arquiteto poder examiná-la bem. Depois, baixou a mão e realizou o serviço com atenção concentrada e lentidão respeitosa, mas todo o processo não durou mais do que segundos. O Arquiteto estava simplesmente maravilhado; e furioso. Sim senhor, o Tirante da Entrelinha, ora vejam, quem diria; calou-se logo após, no que foi acompanhado pelo Consertador de Tudo. Sem exteriorizarem um para o outro o que continuavam pensando do Serviço Autorizado, assim permaneceram de olhos fitos na Olivetti, guardando o minuto de silêncio. Em seguida o Arquiteto convidou o Consertador e ir com ele até a cozinha para o café combinado, o que este aceitou de pronto, pedindo contudo licença para antes lavar as mãos.

Porém durante o café, com o ar limpo de abril entrando pela janela, entrou de volta, farfalhando levemente como folhas soltas de jornais, a vida e a morte do pequeno homem. Para muitos, um Santo; para outros, um Sestroso, um Fala-Solta, para outros ainda, um Sábio, um Político, um Ilustrado, um Mineiro, um Doutor, uma Raposa Velha; Estafeta da Redemocratização para os invejosos, e havia também os azedos e desencantados que o chamavam simplesmente de Coisa Insignificante, sem poder contudo evitar breve recuo supersticioso seguido de arrepio na espinha, como se nele, pequenino, figurasse a redondeza leve de estearina da hóstia erguida na consagração. Dúvidas, dúvidas, dúvidas; e assim, pequenino, testa abaulada, com aquele engraçado nariz virado para cima, o que pensar dele para Presidente? É verdade que havia o caso anterior, antigo, do dr. Getúlio Vargas, cuja figura também não combinava com os altos encargos e a envergadura das estátuas, e do qual até hoje se falava pelos cotovelos e pelos contrários, não se tirando nada a limpo completamente. Ele foi amigo do Getúlio, ocupou cargo nos tempos dele, mas antes lhe fez oposição, na ditadura, informava o Arquiteto, e o Tudo fazia sim com a cabeça, sabia que era um dado a mais para não se pôr de lado, sim, dava importância à informação. E na certa àquela mesma hora em que o

Arquiteto e o Consertador de Tudo tomavam o seu café forte, os dois de pé, comentando o caso, (pois como pensar e falar muito tempo de outra coisa qualquer) no Brasil inteiro também se murmurava, bisbilhotava, recordava. E se dizia que no Instituto do Coração, os homens de branco haviam aberto o relógio da vida de Tancredo Neves e virado os ponteiros para trás, para prender a sua alma na engrenagem, soltando-a só no domingo, dia do aniversário da morte de Tiradentes. Certo, aventava o Arquiteto pensativo, para aniversariarem juntos, certo, mas aqui, aqui da Terra, (não do Alto, como quer o senhor) para as comemorações irem juntas, dando cada uma maior força à outra. Porque, veja o senhor, e o Tudo via sim, encostado na parede de azulejos amarelos: — O cortejo veio vindo pela avenida Brasil, passou pelo monumento às Bandeiras, pegou a avenida Pedro Álvares Cabral, passou pelo obelisco aos Mortos de 32, são datas, percebe, tudo são datas e nomes por esses lados do mundo; ainda assim confesso que tive muita pena, muita; muita! Punha esperança na coisa toda. — Não se desespere! consolou-o o Consertador pensando na mulherinha do parque cujos cabelos brancos irradiavam luz azul. Deus quis! — Não tenho por que estar alegre com esta decisão de Deus, respondeu o Arquiteto secamente, e o Consertador, pelo sim, pelo não, concordou com a cabeça (sem apanhar bem no ar o que o Arquiteto pensava de Deus) pois a última lembrança que um freguês deve guardar de um consertador tem de ser a melhor, a ótima das ótimas, para chamar de novo.

Terminado o café, e assim a visita, ao voltarem para a sala, o dia mostrou-se ao Consertador de Tudo com desalento; um coador murcho lembrava, esvaziado de si. Aquela segunda-feira iniciava uma semana tão diferente das outras dos últimos tempos. A companhia telefônica de São Paulo, a Telesp, não iria mais dar várias vezes ao dia os boletins da saúde do Santo Homem como se fossem os boletins do tempo, como no rádio ao cair da noite as ave-marias. Não eram os boletins da saúde afinal, eram os boletins da morte, mas disso não se tinha conhecimento então. Se tivessem todos prestado mais atenção naquela fotografia com o Santo Homem sentado de pijama e roupão no quarto do hospital de Brasília, olhando para a frente e por cima da cabeça dos brasileiros com aquele sorriso esquecido na cara, só Deus sabe para onde, só Deus sabe para onde! teriam guardado distância, escutado menos vezes a Telesp, não teriam criado hábito. E o hábito era um negócio danado de feio que quando arrancado sem cerimônia de uma pessoa podia arrastá-la consigo; só Deus sabe para onde; só Deus sabe para onde.

Já na porta de saída o Consertador de Tudo acendeu um cigarro e se encostou no batente, assim um pouco inclinado balançando a maleta de serviço com a outra mão; meio torto e desabante como algum dos barracos da favela do Uberabinha erguida ao lado do córrego do Uberabinha, mas não sem a elegância de certas velhas casas das regiões mais distantes dos Jardins (... Europa, arredores) com suas paredes de pedra gasta, sombria, de coloração irregular, seus telhados pontudos duas águas esperando pacientemente o dia em que nevasse em São Paulo.

Por isso sabia como lidar com as palavras finais de um encontro daquele tipo, mas esse tinha sido um encontro muito especial pelo fato do dia ser o dia que era, e ele caprichava jogando as palavras com displicência para o alto como se fossem fumaça, deixava um pedido no ar, sem insistência, como o fumo azul indo embora, se o doutor Arquiteto tivesse a bondade, fizesse o favor de recomendá-lo aos conhecidos, aos vizinhos, como aquele que ainda há pouco batera à porta, mas aí o Arquiteto soltou uma exclamação que o assustou, teria a bondade, sim, lhe faria favor, sim, *não* dizendo *uma* palavra sobre ele ao outro, era um carrapato, um cacete de marca, na certa ainda por cima seria mau pagador. Então não havia percebido como tinha precisado espantá-lo com a história da África para pô-lo a correr e ver se desencantava de vez?

Como assim? chegou a perguntar o Tudo, abismado, mas logo calou o seu espanto meditando: o Arquiteto então havia mentido sobre a mulher que chegava dali a duas semanas para casar, ele não sabia até onde ia a mentira; mas da própria mulher, da sua, o que dela dissera também não combinava com o que era; pois a que havia chegado de Pernambuco tão alvinha a ponto de surpreender a sua família, e na certa ter provocado a admiração do Arquiteto, na contagem dos anos foi tendo a pele aos poucos encoscorada como chapa coberta de ferrugem. Sim, sim, sim, estava o Arquiteto esmurando o batente, não me dá sossego, é aposentado do serviço público, não tem o que fazer, e o senhor acha que se tocou com a morte do homem? (... santo, santo, santo, se permitiu acrescentar baixo o Consertador, numa jaculatória, pois aquele havia sido um dia realmente diferente dos outros, de espetáculo único como bem dissera o próprio Arquiteto, que não se repete, e ele o tinha podido admirar ao vivo, parado no meio-fio da avenida, mas não o freguês à sua frente, destemperado.) O carro mortuário seguido dos outros ia passar novamente à noite na televisão, e amanhã, e depois, porém ele havia feito um largo desvio pela grama do parque, quase sem poder respirar tão depressa ia, o seu coração até agora apertado do esforço, bem lhe dizia a mulher que ainda ia morrer do fumo jogado em cima, sabia que perdia a respiração todos os dias um pouco, que principiara a perdê-la mais naquele dia sobre a grama do parque, com o verde por baixo dos pés e o amarelo do sol por cima, cada vez mais ia ficando sem ar, ele o ia perdendo com as coisas que se perdiam lhe passando diante dos olhos escancarados, uma atrás da outra, vagarosas — como passa um cortejo.